

Um ano que transformou o Brasil

RUBEM MEDINA *

Um fluxo de investimentos diretos do exterior deverá chegar ao país neste segundo semestre, consagrando o sucesso do Plano Real. Não se trata do dinheiro quente que chegou nos últimos meses às nossas Bolsas de Valores e que saiu amedrontado após o segundo choque do México. Desta vez são investimentos industriais, recursos que vêm criar empregos, receitas e divisas de Exportação, como montadoras de automóveis, indústrias relacionadas a petróleo, telecomunicações, mineração e diversos outros tipos de manufatura. A chegada destes recursos confirma o êxito do Plano Real, da reforma constitucional e do mercado latino-americano.

Elevar os investimentos é o objetivo principal de qualquer política econômica. É precisamente a maneira de medir seu acerto ou desajuste: se há investimentos maiores, isto sinaliza que há confiança no futuro, que há sensação de estabilidade e expectativa de novas oportunidades. É aí que se configura o futuro, uma política industrial implícita no contexto do Plano Real.

Temos todos a sensação de que é hora de equacionar, de passar das linhas gerais aos detalhes desta política industrial. É neste processo que vamos encontrar aspectos que merece-

rão correção urgente, como o nível geral das taxas de juros, a disponibilidade de crédito privilegiado para exportações, a eliminação de impostos nas diversas etapas da produção destinada a exportação, a reformulação do sistema de crédito rural — substituindo o crédito governamental subsidiado por uma forma privatizada de seguro e venda antecipada da safra nas bolsas de mercadorias, etc.

Estas medidas setoriais devem ser adotadas no contexto da consolidação do Real, compondo a MP da desindexação, com as emendas constitucionais já aprovadas ou em processo de finalização, criando um cenário institucional que alavanque a economia brasileira e viabilize os investimentos sociais para corrigir as distorções que o estado-empresário que tínhamos até aqui não teve competência de vencer.

O comportamento dos integrantes do Poder Legislativo está oferecendo um exemplo de como é possível transformar o país. Temos, na verdade, muitos motivos de orgulho dos fatos e realizações de nosso país. O Brasil conseguiu dar alguns saltos econômicos neste século, implantar o parque industrial e a produção agrícola mais importantes da América Latina. Estes êxitos resultam de decisões que foram importantes no momento em que foram adotadas. Mas estes êxitos não foram suficientes para resolver nossos problemas sociais, como: a desnutrição, o analfabetismo e desinformação de grandes camadas de nossa população, sem que nosso orgulho nacional não ficasse arranhado.

Esses nossos fracassos são devidos, em grande parte, ao estado-empresário, que até há pouco tempo sempre

esteve mais preocupado em cobrir os déficits das empresas siderúrgicas estatais do que cumprir corretamente os deveres para com a educação e a saúde. Paradoxalmente, a existência de uma grande parcela da população desnutrida, analfabeta e desinformada foi a condição básica que permitiu sua manipulação política e viabilizou a desenvoltura das elites políticas com o empreguismo e a corrupção e a tolerância criminoso com a inflação e sua principal consequência — a concentração de rendas.

Em pouco tempo estamos passando de uma fase de decisão por impulsos, em que exerceu forte influência o corporativismo, os lobbies e o modismo das teorias de eficácia não comprovada, para um amadurecimento do processo de formação de um projeto nacional que não tenha por parâmetros internacionais os países que deram menos certo do que nós (somente para alimentar o falso orgulho nacional), mas precisamente os países que deram certo, pois nós queremos ter também os indicadores sociais mais elevados.

Muito mais do que a simples conquista de taxas mais reduzidas de inflação, o maior êxito do Plano Real que transformou o Brasil em um ano foi chamar o país à reflexão e alterar a postura conceitual repleta de equívocos, de conformismos, de "jeitinhos" — que nos mantinha imobilizados.

